

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2012

Tradução © Denise Sales, 2012

Ensaio © Elena Vássina, 2012

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA
APROPRIÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

Boris Kustodieu, Revolta contra os boiardos na velha Rússia, 1897

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Lucas Simone

Cide Piquet

Cecília Rosas

1ª Edição - 2012, 2ª Edição - 2014

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Leskov, Nikolai, 1831-1895
L724f A fraude e outras histórias / Nikolai
Leskov; tradução, posfácio e notas de Denise Sales;
ensaio de Elena Vássina — São Paulo: Editora 34,
2014 (2ª Edição).
224 p. (Coleção Leste)
ISBN 978-85-7326-496-8

I. Literatura russa. I. Sales, Denise.
II. Vássina, Elena. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.73

A FRAUDE E OUTRAS HISTÓRIAS

1. Kótin, o provedor, e Platonida	7
2. Águia Branca	59
3. A voz da natureza	89
4. A fraude	101
5. Alexandrita	147
6. A propósito de <i>A Sonata a Kreutzer</i>	167
Sobre os contos	191
Pela vida russa, <i>Denise Sales</i>	195
Nikolai Leskov, o mais original dos escritores russos, <i>Elena Vássina</i>	203

ALEXANDRITA

(Um fato natural à luz do misticismo)

“Em cada um de nós, cercado pelos mistérios do mundo, há uma inclinação ao misticismo, e alguns, em certo estado de espírito, encontram segredos ocultos lá onde outros, girando no turbilhão da vida, encontram tudo claro. Cada folhinha, cada cristal lembra-nos da existência, em nós próprios, de um laboratório misterioso.”

N. Pirogov¹

I

Eu me permitirei fazer uma pequena comunicação sobre um cristal requintado, cujo descobrimento, nas profundezas das montanhas russas, está relacionado com a memória do finado soberano Aleksandr Nikoláievitch.² O assunto aqui é a bela e valiosa pedra de verde intenso que recebeu o nome de “alexandrita” em homenagem ao falecido imperador.

Serviu de motivo para darem esse nome ao mineral mencionado o fato de a pedra ter sido encontrada pela primeira vez em 17 de abril de 1834, dia em que Aleksandr II atingiu a maioridade. Descobriram a alexandrita nas minas de esmeralda dos Montes Urais, situadas a 85 verstas de Ekaterin-

¹ Nikolai Ivánovitch Pirogov (1810-1881), cirurgião e anatomista russo. (N. da T.)

² Aleksandr Nikoláievitch Románov (1818-1881), tsar Alexandre II ou Alexandre, o Libertador. Foi coroado em 1855. Enfrentou várias crises políticas e socioeconômicas. Promoveu reformas, entre elas a camponesa, em 1861, que aboliu a servidão. Morreu em março de 1881, em um atentado a bomba. (N. da T.)

burgo, ao longo do ribeirão Tokovaia, que desemboca no rio Bolchoi Rieft. O nome "alexandrita" foi dado a essa pedra pelo famoso cientista e mineralogista finlandês Nordenskiöld,³ precisamente porque a pedra fora encontrada por ele, senhor Nordenskiöld, no dia da maioridade do falecido soberano. O motivo dado, creio eu, é suficiente para que não se busque nenhum outro.

Nordenskiöld renomeou o cristal encontrado de "pedra de Aleksandr", e assim ele se chama até hoje. No que se refere às características da sua natureza, sabe-se o seguinte:

A alexandrita (*Alexandrit*, *Chrisoberil Cymophone*), mineral valioso, é uma variedade de crisoberilo⁴ dos Urais. Tem cor verde-escura, muito parecida com a cor da esmeralda escura. Sob iluminação artificial, perde esse colorido verde e adquire um tom framboesa.

"Os melhores cristais de alexandrita foram encontrados à profundidade de três braças, na lavra de Krasnobolotski.⁵ Engastes de alexandrita são muito raros; cristais completamente bons são a maior das raridades e não excedem o peso de um quilate.⁶ Em consequência disso, é muitíssimo raro encontrar-se uma alexandrita à venda, e alguns joalheiros, inclusive, a conhecem apenas de ouvir falar. Ela é considerada a pedra de Aleksandr II."

³ Adolf Erik Nordenskiöld (1832-1901), doutor em mineralogia e geologia, pesquisador do Ártico, membro da Academia de Ciências da Suécia, professor da Universidade de Estocolmo, membro efetivo da Sociedade de Mineralogia de São Petersburgo a partir de 1866. (N. da E.)

⁴ Terceiro mineral em grau de dureza. É encontrado muito raramente; descoberto nos montes Urais, na Rússia. (N. da E.)

⁵ M. I. Piliáiev comenta que os mais puros cristais de alexandrita foram encontrados em 1839, justamente nestas lavras. (N. da E.)

⁶ Considera-se um quilate precisamente o peso médio de um grão da alfarrobeira (0,0648 g.). (N. do A.)

Essas informações retirei do livro de Mikhail Ivánovitch Piliáiev, publicado pela Sociedade de Mineralogia de São Petersburgo, em 1877, com o título: *Pedras preciosas: características, lugares de ocorrência e uso*.

Ao que consta no artigo de Piliáiev sobre a localização da alexandrita, é preciso acrescentar que a raridade dessa pedra aumentou ainda mais por dois motivos:

1) a arraigada crença, entre os garimpeiros, de que onde se encontrou alexandrita já não adianta procurar esmeraldas; e

2) as minas de onde se retiraram os melhores exemplares da pedra de Aleksandr II foram inundadas pelas águas de um rio transbordado.

Dessa forma, peço observarem que muito raramente é possível encontrar a alexandrita entre joalheiros russos, e os joalheiros e lapidadores estrangeiros, como diz M. I. Piliáiev, "a conhecem apenas de ouvir falar".

II

Após o passamento trágico e profundamente triste do soberano,⁷ cujo reinado trouxe cálidos dias primaveris para as pessoas de nosso tempo, muitos de nós, por um hábito bastante disseminado na sociedade humana, queriam ter do caro finado todas as "lembrancinhas" materiais que pudessem conseguir. Para isso, diversos veneradores do falecido soberano elegeram as coisas mais variadas; de preferência, por sinal, aquelas que podiam manter sempre consigo.

Alguns adquiriram retratos em miniatura do falecido

⁷ Referência ao assassinato de Alexandre II. (N. da T.)

soberano e encaixaram-nos na carteira ou no medalhão do relógio, outros entalharam em objetos de estimação os dias do seu nascimento e morte; terceiros fizeram ainda alguma outra coisa nesse gênero; e uns poucos, a quem os meios permitiam e aos quais se apresentava a oportunidade, adquiriram uma pedra de Aleksandr II, e com ela fizeram um engaste em um anel, para levar sempre essa lembrancinha e nunca tirá-la da mão.

Os anéis com alexandrita eram uma das lembrancinhas preferidas, além de serem uma das mais raras e, talvez, das mais características, e quem conseguia para si uma dessas, já não se separava dela jamais.

Anéis com alexandrita, no entanto, nunca houve em grande quantidade, uma vez que, como tão bem disse o senhor Piliáiev, bons engastes de alexandrita são raros e caros. E por isso, nos primeiros tempos, havia quem empregasse esforços extremamente grandes para encontrar uma alexandrita, mas, com frequência, não a achava por dinheiro nenhum. Contavam que essa demanda intensa teria até provocado experiências de falsificação de alexandrita, porém imitar essa pedra original revelou-se impossível. Toda imitação acabava por se entregar, sem falta, uma vez que a “pedra de Aleksandr II” apresenta um dicróismo ou mudança de cor. De novo peço que se lembrem que a alexandrita à luz do dia fica verde e à luz artificial, vermelha.

É impossível conseguir isso com uma liga produzida.

III

Chegou a mim um anel com alexandrita, saído das mãos de uma das pessoas memoráveis do reinado de Aleksandr II. Eu o adquiri da maneira mais simples: comprei-o após a morte daquele que usava o artigo. O anel passou pelas mãos de

um comerciante e chegou a mim. Serviu-me e, depois que o coloquei no dedo, com ele fiquei.

O anel tinha sido feito com muita criatividade e engenho, com um simbolismo: a pedra do falecido soberano Aleksandr II não estava sozinha, mas sim cercada de dois brilhantes puríssimos. Eles deviam representar aqui os dois feitos brilhantes do reinado passado: a libertação dos servos e o estabelecimento de um sistema judicial melhorado, que substituiu a antiga “injustiça negra”.

A boa alexandrita, de colorido forte, tinha pouco menos de um quilate, enquanto cada brilhante tinha apenas meio quilate. De novo, evidentemente, a intenção disso era fazer com que os brilhantes, representantes dos feitos, não ocultassem a modesta pedra principal, que devia lembrar a própria pessoa do nobre autor dos feitos. Tudo isso tinha sido incrustado em ouro puro e liso, como fazem os ingleses, sem nenhum tipo de colorido ou adorno, para que o anel fosse uma recordação cara, mas não “cheirasse a dinheiro”.

IV

No verão de 1884,⁸ tive ocasião de visitar as terras tchecas. Tendo uma inquieta inclinação a me entusiasmar por diversos ramos da arte, lá me interessei um tanto por ourives locais e trabalhos de lapidaria.

Não são poucas as pedras preciosas em terras tchecas, mas todas elas têm pouco valor e, em geral, perdem em muito para as do Ceilão e para as nossas siberianas. É exceção apenas o piropo tcheco ou “granada de fogo”, extraído dos

⁸ Em 31 de julho, Nikolai Leskov partiu de Dresden para Praga. Em 2 de agosto, encontrava-se em Praga e no mesmo dia viajou para Viena. (N. da E.)

“campos secos” de Merunice. Granada melhor não há em lugar nenhum.

Entre nós, certa época, o piropo gozava de consideração, e antigamente era muito valorizado, mas hoje é quase impossível encontrar um piropo tcheco grande e bom em algum ourives da Rússia. Muitos nem têm ideia de como ele seja. Atualmente, entre nós, encontra-se em artigos baratos de ourivesaria ou a granada tirolesa opaca e escura ou a “granada aquífera”, mas já não há o piropo grande, de fogo, oriundo dos “campos secos” de Merunice. Todos os melhores exemplares antigos dessa maravilhosa pedra de cor intensa, a maioria deles lapidada em rosa com facetas miúdas, foram açambarcados por estrangeiros a preços insignificantes e levados para fora do país, e os bons piropos recentemente encontrados em terras tchecas vão direto para a Inglaterra ou América. Lá os gostos são mais estáveis, e os ingleses admiram muito essa bela pedra, com o fogo misterioso nela encerrado (“fogo em sangue”: *Feuer in Blut* em alemão), e a valorizam. Ingleses e americanos, a propósito, em geral gostam muito de pedras peculiares, como por exemplo o piropo ou a “pedra da lua”, que, sob qualquer iluminação, irradia apenas uma única cor enluarada. Na brochura pequena, mas muito útil, *Regras da polidez e do bom-tom*, há inclusive a indicação dessas pedras como as mais merecedoras do gosto de um verdadeiro *gentleman*. Dos brilhantes lá se diz que “podem ser usados por qualquer um que tenha dinheiro”. Na Rússia, quanto a isso, há outra opinião: entre nós, hoje, não prezam nem o simbolismo, nem a beleza, nem o enigma das cores surpreendentes da pedra e não desejam ocultar o “cheiro do dinheiro”. Entre nós, ao contrário, valorizam exatamente aquilo “que aceitam na casa de penhores”. Por causa disso, as assim chamadas pedras de apreciadores não têm saída e são desconhecidas de nossos atuais caçadores de preciosidades. Talvez até lhes parecesse surpreendente e inverossímil o fato de um be-

líssimo exemplar da granada de fogo ser considerado um dos melhores adornos da coroa austríaca e custar horrores.

V

Antes de uma viagem ao exterior, a propósito, recebi de um amigo de São Petersburgo a incumbência de trazer-lhe da Boêmia as duas melhores granadas que fosse possível encontrar entre os tchecos.

Procurei duas pedras de grandeza considerável e boa cor; mas uma delas, mais agradável pelo matiz, para minha indignação, tinha sido estragada por uma lapidação muito imperfeita e grosseira. Tinha a forma de um brilhante, mas a face superior era um tanto canhestra, cortada em linha reta, e por isso a pedra não tinha nem profundidade, nem brilho. O tcheco que me orientava no negócio, entretanto, aconselhar-me a levar essa granada e depois submetê-la a uma segunda lapidação por um famoso lapidador local, de nome Wenzel, que o meu guia dizia ser um excelente mestre na sua arte e, ainda por cima, muito original.

— É um artista, e não um artesão — disse o tcheco e contou-me que o velho Wenzel era cabalista e místico, e também, em parte, poeta inspirado e grande supersticioso, porém homem originalíssimo e, por vezes, até muitíssimo interessante.

— O senhor não o conhecerá em vão — disse o meu companheiro. — A pedra, para o vovô Wenzel, não é um ser sem alma, mas animado. Ele sente nela o reflexo da vida misteriosa dos espíritos das montanhas e, peço-lhe que não ria, estabelece relações misteriosas com eles através da pedra. Às vezes, ele conta sobre revelações recebidas, e as suas palavras fazem muitos pensarem que o pobre velho já não tem tudo em ordem debaixo do crânio. Já é muito velho e cheio

de caprichos. Ele próprio agora raramente se põe a trabalhar; com ele trabalham seus dois filhos, mas se lhe pedem e se a pedra o agrada, então faz tudo sozinho. E se ele próprio fizer será magnífico, pois, repito, Wenzel é um grande artista em seu ofício, e ainda por cima inspirado. Há muito nos conhecemos e juntos tomamos cerveja no Jedliczka. Pedirei e espero que ele conserte a pedra para o senhor. Então essa será uma excelente aquisição, com a qual o senhor poderá melhor satisfazer àquele que fez o pedido.

Obedeci e comprei a granada; logo em seguida a levamos ao velho Wenzel.

VI

O velho vivia em uma das ruas sombrias, estreitas e espremidas do arrabalde judeu, perto de uma sinagoga histórica famosa.⁹

O lapidador era um velho alto, magro, um pouco arqueado, de cabelos longos completamente brancos e vivos olhos castanhos, cuja expressão indicava grande concentração, com um matiz de algo que se observa em pessoas doentes, tomadas de uma demência altiva. De coluna curvada, mantinha a cabeça erguida e olhava como um rei. Um ator que observasse Wenzel poderia usá-lo se caracterizar magnificamente de rei Lear.

Wenzel examinou o piropo comprado por mim e balançou a cabeça. Por esse movimento e pela expressão do rosto do velho podia-se entender que ele considerava a pedra boa, mas, além disso, o velho Wenzel levou as coisas de um jeito

⁹ Refere-se à sinagoga Staronová, de estilo gótico, construída aproximadamente em 1270 e que se localiza no gueto judeu da Cidade Velha de Praga. (N. da E.)

que, já desde o primeiro minuto, embora todo o assunto fosse o piropo, o meu interesse concentrou-se, particularmente, no próprio lapidador.

Ele olhou a pedra por muito, muito tempo, mascando com os maxilares desdentados e, em sinal de aprovação, balançando a cabeça; depois segurou o piropo entre dois dedos, olhou-me fixamente, apertou e reapertou os olhos, como se tivesse comido a casca verde de uma noz e, de repente, declarou:

— Sim, é ele.

— É um bom piropo?

Em lugar de uma resposta direta, Wenzel disse que aquela pedra “ele havia muito conhecia”. Eu conseguia me imaginar perfeitamente diante do rei Lear e respondi:

— Com isso fico desmedidamente feliz, senhor Wenzel.

A minha deferência agradou o velho; ele me indicou um banco, depois se aproximou tanto de mim que espremeu os meus joelhos com os seus e pôs-se a falar:

— Já nos conhecemos há muito tempo... Eu o vi ainda em sua terra natal, nos campos secos de Merunice. Naquela época, ele se encontrava em sua prisca simplicidade, mas eu o percebi... E quem poderia dizer que o seu destino seria tão terrível? Oh, o senhor pode ver nele como os espíritos das montanhas são cautelosos e perspicazes! Ele foi comprado por um ladrão suábio,¹⁰ e a um suábio coube lapidá-lo. O suábio consegue vender bem uma pedra, porque tem um coração de pedra; mas, lapidar, o suábio não consegue. O suábio é um opressor, quer tudo à sua maneira. Não se aconselha com a pedra sobre aquilo em que ela pode se transformar, e o piropo tcheco é orgulhoso demais para responder a

¹⁰ Falante do suábio ou originário da Suábia, atual região no sudoeste da Alemanha. (N. da T.)

um suábio. Não, ele não conversaria com um suábio. Não, nele e no tcheco há um mesmo espírito. O suábio não vai conseguir fazer dele o que lhe der na telha. Quiseram fazê-lo em rosa; pois o senhor pode ver (eu não vi nada), ele não se entregou. Oh, não! Ele é um piropo! Usou de subterfúgios, antes permitiu que os suábios lhe cortassem a cabeça fora, e eles cortaram.

— Pois é — interrompi eu. — Quer dizer, está morto.

— Morto?! Por quê?

— O senhor mesmo disse que lhe cortaram a cabeça fora.

O vovô Wenzel sorriu, penalizado:

— Cabeça! Sim, a cabeça é uma coisa importante, meu senhor, mas o espírito... O espírito é ainda mais importante que a cabeça. Acaso foram poucas as cabeças tchecas cortadas? Pois eles continuam vivos. Ele fez tudo o que podia fazer quando caiu nas mãos do bárbaro. Tivesse o suábio agido dessa forma vil com alguma pedra animal, uma pérola ou um “olho de gato”, que hoje está na moda, deles não teria sobrado nada. Deles teria saído um reles botão, que restaria apenas jogar fora. Mas o tcheco não é desses, ele não se deixa triturar logo no pilão do suábio! Os piropos têm sangue de guerreiro... Ele sabia o que precisava fazer. Fingiu, como o tcheco sob os suábios, entregou a própria cabeça, mas escondeu o seu fogo no coração... Sim, senhor, foi isso! O senhor não está vendo o fogo? Não?! Pois eu o vejo: eis aqui o fogo denso e inextinguível da montanha tcheca... Ele está vivo e... por favor, desculpe-o: está rindo do senhor.

O próprio Wenzel pôs-se a rir, balançando a cabeça.

VII

Eu estava de pé, diante do velho que segurava na mão a minha pedrinha, e decididamente não sabia o que responder

ao seu discurso fantasioso e pouco compreensível. E ele, ao que parece, compreendeu a minha dificuldade: pegou-me por uma mão, com a outra agarrou o piropo com as pontinhas de uma pinça, ergueu-o com dois dedos diante do próprio rosto e continuou, num tom de voz mais alto:

— Ele próprio é um rei tcheco, um prisco príncipe de Merunice! Ele sabia como fugir de ignorantes: diante dos olhos deles, transvestiu-se de limpa-chaminés. Sim, sim, eu o vi; eu vi o mascate judeu levando-o no bolso, e era por ele que o mascate escolhia outras pedras.¹¹

Mas não foi para isso que ele ardeu no prisco fogo, para se perder como uma monstruosidade na bolsa de couro de um mascate. Ele se cansou de andar como limpa-chaminés, e veio até mim em busca de uma roupa radiante. Oh! Nós compreendemos um ao outro, e o príncipe das montanhas de Merunice mostra-se como príncipe. Deixe-o comigo, meu senhor. Passaremos um tempo juntos, trocaremos conselhos, e o príncipe se fará príncipe.

Com isso, bastante desrespeitosamente, Wenzel balançou a cabeça e, ainda menos respeitosamente, largou o prisco príncipe num prato imundo, sujo de moscas, onde havia algumas granadas de aparência de todo desagradável.

Não gostei disso e até cheguei a temer que o meu piropo se confundisse no meio de outros piores.

Wenzel notou isso e franziu a testa.

— Espere! — disse ele e, misturando com a mão todas as granadas do prato, inesperadamente jogou todas em meu

¹¹ Quando examinamos longamente pedras de uma única cor, o olho “emburrece” e perde a capacidade de distinguir as melhores cores das piores. Para restabelecer essa capacidade, os compradores de pedras levam consigo um regulador, ou seja, uma pedra cuja cor já lhes é conhecida pela qualidade. Ao compará-la com outra, ele logo vê a diferença de brilho e pode avaliar com correção o seu valor. (N. do A.)

chapéu, depois virou o chapéu, e, enfiando a mão lá dentro, sem olhar, da primeira vez já retirou o “limpa-chaminés”.

— Quer repetir isso cem vezes ou está satisfeito? Está satisfeito com uma vez só?

Ele sentia e distinguia a pedra pela densidade.

— Estou satisfeito — respondi.

Wenzel de novo lançou a pedra no prato e ainda mais orgulhosamente balançou a cabeça.

Com isso nos despedimos.

VIII

Em tudo o que dizia e em toda a sua figura, o velho lapidador tinha tanto de caprichoso e de particular, que era difícil considerá-lo uma pessoa normal, e, de qualquer modo, dele sentia-se um sopro de saga.

— Já pensou — veio-me à cabeça — se um grande amante de pedrarias como Ivan, o Terrível,¹² em sua época, tivesse se encontrado com um conhecedor de pedras tão original como esse?! Eis com quem o tsar conversaria à vontade, e depois, quem sabe, mandaria soltar seu melhor urso em cima dele. Em nossa época, Wenzel é uma ave perdida no tempo, uma carta fora do baralho. Em qualquer casa de penhor, provavelmente há conhecedores que lhe dedicariam pelo menos o mesmo desprezo que ele lhes devota. Quanto ele não me

¹² A coleção de pedras preciosas do tsar russo Ivan, o Terrível (1530-1584) era uma das melhores da Europa. Ele sabia avaliar pedras e as adquiria pelo mundo todo. Não apenas a grandeza e brilho, mas também as análises místicas e nebulosas feitas pelo tsar impressionavam aqueles que visitavam o tesouro real. Nas pedras, Ivan, o Terrível, via um dom de Deus e um segredo da natureza, colocados à disposição dos homens para uso e contemplação (R. G. Skrinnikov, *Ivan Grózní* [Ivan, o Terrível], Moscou, pp. 181-2). (N. da E.)

disse sobre uma pedra de vinte rublos! Prisco príncipe, cavaleiro tcheco, e depois ele próprio a lançou num prato sujo...

— Está claro, é louco.

Mas Wenzel, para contrariar, não saía da minha cabeça e pronto. Começou a me aparecer até em sonhos. Nós dois galgávamos as montanhas de Merunice e, sei lá por que motivo, nos escondíamos dos suábios. Os campos eram não apenas secos, mas também quentíssimos, e então Wenzel, ora aqui, ora acolá, agachava-se até o chão, punha as palmas das mãos no cascalho poeirento e murmurava-me: “Veja! Veja como está quente! Como elas ardem aqui! Em nenhum outro lugar há pedras assim!”.

E sob a inspiração de tudo isso, a granada comprada por mim começou de fato a me parecer animada por “priscos fogos”. Era só eu ficar sozinho, de imediato começava a vir à minha lembrança a viagem de Marco Polo lida na infância e ditos pátrios dos moradores de Nóvgorod “sobre pedras preciosas, úteis em várias situações”. Vinha-me à lembrança como lia e me surpreendia com as pedras: “a granada que alegra o coração humano; de quem a porta consigo, ela endireita o fraseado e o pensamento e atrai o amor das pessoas”. Mais tarde, tudo isso perde o significado, começamos a ver todos esses ditos como mera superstição, começamos a duvidar de que o “diamante amolece se deixado de molho em sangue de cabras”, que o diamante “afasta sonhos maus”, e que quem o porta consigo, caso “se aproxime de uma comida envenenada, começa logo a suar”; que a safira fortalece o coração, o rubi multiplica a felicidade, a lazulita abate a doença, a esmeralda cura os olhos, a turquesa protege contra quedas de cavalo, a granada incinera maus pensamentos, o topázio interrompe a ebulição da água, a ágata protege a castidade das donzelas, o bezoar debela qualquer tipo de veneno. Pois eis que me aparecia esse velho em desvairado delírio, e eu já estava pronto a delirar de novo com ele.

Ia dormir e sonhava com tudo isso... E como tudo era maravilhoso, denso, vivo, embora eu soubesse ser tudo absurdo. Não, não é absurdo, é o que qualquer avaliador de pedras de uma casa de penhor já sabe. Ah, sim, então não é absurdo. É uma avaliação... um fato...

Pois também isso, certa época, foi fato... O patriarca Nikon¹³ realmente escreveu sobre isso ao tsar Aleksei,¹⁴ queixando-se de seus desafetos. Queriam dar cabo dele e serviram-lhe uma comida com veneno mortal; o patriarca, porém, era precavido: levava consigo uma “pedra bezoar” e “o bezoar chupou fora o veneno”. Longamente ele lambeu a pedra bezoar que ficava enfiada no seu anel; isso o ajudou bastante, e foram os seus desafetos que sofreram. Está certo que tudo isso aconteceu em priscas eras, quando tanto as pedras nas entranhas da terra quanto os planetas nas alturas celestes, todos eles se preocupavam com o destino do homem, e não atualmente, quando até nos céus há desgosto e sob a terra restou a indiferença fria pelo destino dos filhos dos homens e de lá não chegam vozes nem obediência. Todos os planetas, de novo descobertos, já não recebiam mais nenhuma atribuição nos horóscopos; há também muitas pedras novas, e todas são medidas, pesadas, comparadas em termos de peso específico e densidade, mas depois nada profetizam, não são úteis em nada. O seu tempo de falar ao homem já virou passado, agora são como “loquazes tribunos” que se transformaram

¹³ Nikita Minov (1605-1681) foi escolhido patriarca da ortodoxia russa em 1652 e realizou reformas na igreja. Terminou a vida no degredo. (N. da E.)

¹⁴ Aleksei Mikháilovitch Románov (1629-1676), coroado tsar em 1645. (N. da T.)

em “peixes mudos”.¹⁵ Com certeza o velho Wenzel desatinava, repetindo histórias antigas que se embaralhavam no seu cérebro debilitado.

Mas como me martirizou esse velho estrambótico! Quantas vezes não fui procurá-lo, e o meu piropo não só não estava pronto, como Wenzel nem mesmo se ocupara dele. O meu “prisco príncipe” ficava jogado no prato como um “limpa-chaminés”, na companhia mais baixa e mais indigna dele. Se houvesse ainda que só um pingo de superstição, porém sincera, de que naquela pedra vivia um orgulhoso espírito da montanha, que pensa e sente, então tratá-lo de modo tão desrespeitoso também seria uma barbaridade.

X

Wenzel já não me interessava, e sim irritava. Não respondia a nada direito, e às vezes até parecia um pouco atrevido. Às minhas observações mais corteses de que havia tempo demais esperava um pequeno giro em sua roda de esmeril, ele, melancólico, limpava os dentes podres e começava a divagar sobre o que é uma roda e quantas rodas diferentes há no mundo. A roda do moinho do mujique, a roda da telega do mujique, a roda do vagão, a roda da carruagem viennense, a roda do relógio antes de Breguet e a roda do relógio depois de Breguet, a roda nos relógios de Denis Blondel e a roda do relógio de Louis Audemars...¹⁶ Em resumo, só o diabo é que sabia aonde ia levar aquela falação, e, no final, acabava por dizer que era mais fácil forjar um eixo de car-

¹⁵ Ambas as expressões entre aspas são trechos de um hino acatisto, cantado de pé no serviço religioso ortodoxo. (N. da T.)

¹⁶ O personagem cita nomes que aperfeiçoaram o mecanismo dos relógios. (N. da E.)

reta do que lapidar uma pedra, e por isso dizia: “espere, es-lavo”.

Perdi a paciência e pedi a Wenzel que me devolvesse a pedra como estava; em resposta a isso, o velho começou, amigavelmente:

— Mas como é possível? Para que esses caprichos?

Confessei que aquilo tinha me cansado.

— Ah-ah — respondeu Wenzel. — E eu que pensei que o senhor já tinha se transformado em suábio e queria deixar o príncipe tcheco como limpa-chaminés intencionalmente...

E Wenzel começou a gargalhar, de boca bem aberta, de modo que dela, por todo o cômodo, espalhou-se um cheiro de lúpulo e malte. Pareceu-me que o velho, naquele dia, bebera uma caneca a mais de cerveja *pilsen*.

Wenzel até começou a me contar uma bobagem qualquer: ele o teria levado para passear em Vinohrady, além da escadaria de Nusle. Ali teriam sentado juntos em uma colina árida, em frente da muralha de Carlos,¹⁷ e ele teria revelado a Wenzel, afinal, toda a sua história, desde os “priscos dias”, quando não havia nascido nem Sócrates, nem Platão, nem Aristóteles, e também não tinha acontecido nem o pecado de Sodoma nem o incêndio de Sodoma, até aquela primeira hora, quando ele se arrastara para fora da parede como um percevejo e rira de uma moça...

Wenzel parecia ter-se lembrado algo muito engraçado, de novo começou a gargalhar e de novo encheu o cômodo com o cheiro de malte e lúpulo.

— Pare, vovô Wenzel, não estou entendendo nada.

¹⁷ Esta e as duas referências anteriores tratam das cercanias de Praga, da escadaria que leva ao castelo de Carlos IV (1316-1378). No interior desse castelo, há uma capela famosa, ornamentada com pedras semipreciosas. (N. da E.)

— Isso é muito estranho! — comentou ele, incrédulo, e contou que aconteciam casos de piropos magníficos encontrados simplesmente no reboco de paredes de isbás. A riqueza das pedras era tão enorme, que elas se lançavam à superfície da terra e iam parar na argila do estuque.

Provavelmente Wenzel tinha tudo isso na cabeça quando estava sentado no jardinzinho da cervejaria, junto às escadas de Nusle, e levou-o consigo a uma colina árida, onde pegou em um sono tranquilo e profundo e teve um sonho curiosíssimo: viu uma isbá tcheca, pobrezinha, nas montanhas de Merunice; nessa isbazinha, estava uma jovem camponesa, fiando lã de cabra com as próprias mãos, enquanto balançava com o pé um berço que, a cada movimento, tocava de mansinho a parede. O estuque descascava aos poucos e caía em forma de pó... foi então que “ele despertou”. Ou seja, despertou não Wenzel, nem o bebê que estava no berço, mas ele, o príncipe rebocado no estuque... Despertou e deu uma espiadinha lá fora para se deleitar com o melhor espetáculo da terra: uma jovem mãe, que fia e embala o filho...

A mãe tcheca percebeu a granada à luz e pensou: “eis um percevejo”, e para que o inseto nojento não picasse o seu filhinho, bateu nele com o seu sapato velho com toda a força. Ele se soltou da argila e rolou pelo chão; então ela percebeu que era uma pedra e vendeu-a a um suábio por um punhado de grãos de ervilha. Tudo isso foi naquela época em que um grão de piropo custava um punhado de ervilha. Foi antes de acontecer o que está descrito nos milagres de São Nicolau, quando um piropo foi engolido por um peixe e apanhado por uma mulher pobre, e esta enriqueceu com o achado...

— Vovô Wenzel! — disse eu. — Desculpe-me, o senhor está contando coisas muito curiosas, mas não tenho tempo de ouvi-las. Partirei depois de amanhã bem cedo, e por isso amanhã venho pela última vez pegar de volta a minha pedra.

— Excelente, excelente! — respondeu Wenzel. — Venha

amanhã ao anoitecer, quando começarem a acender as luzes: o limpa-chaminés o receberá como príncipe.

XI

Cheguei bem na hora combinada, quando já tinham acendido as velas, e dessa vez o meu piropo estava realmente pronto. Nele o “limpa-chaminés” tinha desaparecido, e a pedra absorvia e expelia de si feixes de fogo denso, escuro. Wenzel, seguindo certa linha invisível, havia tirado as extremidades da faceta superior do piropo, e o seu meio erguera-se como um capucho. A granada adquirira cor e cintilava: nela de fato ardia num fogo inextinguível uma gota encantada de sangue.

— E então? Que tal o nosso valente guerreiro?! — exclamou Wenzel.

Eu, na verdade, não me cansava de contemplar o piropo e queria expressar isso a Wenzel, mas, antes que eu conseguisse expressar uma palavra sequer, o velho sábio aprontou uma das suas, inesperada e estranhíssima: de repente, agarrou-me pelo anel com a alexandrita, que agora, sob a luz, estava vermelha, e pôs-se a gritar:

— Meus filhos! Tchecos! Depressa! Vejam só, eis aqui aquela pedra russa profética da qual lhes falei! Siberiana astuta! O tempo todo estava verde como a esperança, mas agora, com a aproximação do anoitecer, banhou-se de sangue. Desde priscas eras ela é assim, mas escondeu-se o tempo todo, no seio da terra, e permitiu que a encontrassem apenas no dia da maioridade do tsar Aleksandr, quando um grande feiticeiro, mago, bruxo, foi à Sibéria procurar por ela.

— O senhor está falando asneiras — interrompi. — Essa pedra não foi encontrada por um feiticeiro, foi por um cientista: Nordenskiöld!

— Feiticeiro! Estou dizendo: feiticeiro! — pôs-se a gritar Wenzel bem alto. — Veja só que pedra! Nela a manhã é verde e a noite sangrenta... É o destino, é o destino do nobre tsar Aleksandr!

E o velho Wenzel voltou-se para a parede, apoiou a cabeça no braço e... pôs-se a chorar.

Os seus filhos ficaram ali, imóveis, calados. Não só para eles, mas até para mim, que há tanto tempo via constantemente, em minha própria mão, a “pedra de Aleksandr II”, era como se ela, de repente, estivesse cheia do profundo sentido das coisas, e o meu coração apertou-se de tristeza.

Quer queiram, quer não, o velho viu e leu na pedra algo que parecia já existir nela, mas que, antes dele, nunca se manifestara aos olhos de ninguém.

Eis o que às vezes significa olhar uma coisa com o espírito extraordinário da fantasia!

(1884)